

# A INTELIGÊNCIA DA FÉ NA BUSCA DA VERDADE - UNIÃO ENTRE TEOLOGIA E MÍSTICA

Maycon Herbert Santos de Sá<sup>1</sup>  
Dr. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Júnior<sup>2</sup>

## RESUMO

O texto aborda a conexão fundamental entre teologia e vida espiritual, evidenciando que a compreensão da fé se expande de forma mais completa quando acompanhada de conversão e da busca pela santidade. Com base nas três vias clássicas do crescimento espiritual – purgativa, iluminativa e unitiva –, argumenta-se que o conhecimento de Deus vai além do aspecto intelectual, requerendo envolvimento interno e mudança moral. Historicamente, evidencia-se que houve um distanciamento entre teologia e mística nos séculos XIV e XV, período em que a teologia se tornou majoritariamente acadêmica e a espiritualidade passou a ser considerada uma experiência pessoal e subjetiva. Essa ruptura, apontada por Vandembroucke, resultou em empobrecimento mútuo. Finalmente, recorre-se a documentos como *Donum Veritatis* e aos pareceres da Comissão Teológica Internacional, que oferecem diretrizes para restabelecer a harmonia entre o estudo teológico e a vida de santidade, enfatizando que a teologia só prospera genuinamente na comunhão da Igreja, sob a orientação do Espírito Santo.

**Palavras-chaves:** Teologia, Mística Cristã, Santidade, Magistério da Igreja, Tradição, Vida Espiritual, Contemplação

## ABSTRACT

The text addresses the fundamental connection between theology and spiritual life, showing that the understanding of faith expands more fully when accompanied by conversion and the pursuit of holiness. Based on the classical threefold path of spiritual growth—the purgative, illuminative, and unitive ways—it argues that the knowledge of God goes beyond the intellectual dimension, requiring inner involvement and moral transformation. Historically, it is shown that there was a distancing between theology and mysticism in the 14th and 15th centuries, a period in which theology became predominantly academic and spirituality came to be viewed as a personal and subjective experience. This rupture, highlighted by Vandembroucke, resulted in mutual impoverishment. Finally, reference is made to documents such as *Donum Veritatis* and to statements from the International Theological Commission, which offer guidelines for reestablishing harmony between theological study and the life of holiness, emphasizing that theology genuinely flourishes only within the communion of the Church, under the guidance of the Holy Spirit.

**Keywords:** Theology, Christian Mysticism, Holiness, Church Magisterium, Tradition, Spiritual Life, Contemplation

## INTRODUÇÃO

O presente estudo visa abordar as relações entre estudos teológicos e vida interior na busca da verdade. Será feita uma abordagem revisando qual é o consenso tradicional da Igreja acerca das etapas do desenvolvimento da vida espiritual, correlacionando com testemunhos de que este desenvolvimento é acompanhado de

---

<sup>1</sup> Orientando do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, Goiás.

<sup>2</sup> Orientador do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, Goiás.

um progressivo conhecimento das verdades teológicas, defendendo que a conversão e a vida de santidade são pressupostos para se fazer teologia de forma consistente. A partir disso, será tratado acerca do papel que o progresso na vida espiritual possuiu para o desenvolvimento teológico e dogmático, bem como também será abordada a progressiva cisão que houve entre vida espiritual e estudos teológicos ao longo da história da teologia, de forma que o teólogo, com o passar do tempo, foi deixando de ser um contemplativo e passando a ser um professor ou cientista.

Desta forma, prosseguiremos no intuito de desfazer o divórcio que houve entre vida espiritual e o papel do teólogo, indicando, à luz dos documentos mais recentes da Igreja e de teólogos autorizados, um caminho coerente a ser trilhado na busca do inteligência da fé e do conhecimento da Verdade, como caminho de vida de santidade.

## **AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DA VIDA ESPIRITUAL**

Para tratar das etapas do desenvolvimento da vida espiritual no presente contexto, vamos recorrer ao que disseram teólogos experimentados e autorizados para expor corretamente o ensino constante da Igreja acerca destas etapas. No vocabulário de Garrigou-Lagrange<sup>3</sup> são três estas etapas pelas quais a alma pode passar na via da conversão, comparando com o desenvolvimento orgânico do ser humano, tal como Santo Tomás de Aquino propôs (Suma Teológica II-II, q.24/a.9): a Via Purgativa, chamada também de Primeira Conversão, própria dos iniciantes, que é caracterizada pela:

“(...) purificação ativa dos sentidos externos e internos, das paixões, da inteligência e da vontade, pela mortificação, a meditação, a oração e, enfim, da purificação passiva dos sentidos, onde começa a contemplação infusa e por onde se é elevado à via iluminativa (...)” (GARRIGOU-LAGRANGE, 2021, p. 275)

Seguida pela Via Iluminativa, também chamada de “Segunda Conversão”, própria dos adiantados, da qual fala-se:

---

<sup>3</sup> Sua obra-prima, intitulada “As Três Idades da Vida Interior” aborda farta e detalhadamente sobre cada uma das três “idades” ou etapas da vida espiritual.

“(…) dos dons do Espírito Santo e da contemplação infusa, que procede sobretudo dos dons da inteligência e de sabedoria, e que é declarada desejável para todas as almas interiores, como moralmente necessária à plena perfeição da vida cristã. Esta segunda parte da obra, após alguns artigos relativos às graças extraordinárias (visões, revelações, locuções interiores), se encerra por um capítulo em nove artigos relativos à purificação passiva do espírito, que marca a passagem para a via unitiva. (...)” (GARRIGOU-LAGRANGE, 2021, p. 276)

Até chegar a atingir a Via Unitiva, própria dos perfeitos:

“(…) onde se trata da íntima união da alma contemplativa com Deus e de seus graus até a união transformante. (...)” (GARRIGOU-LAGRANGE, 2021, p. 276)

A questão central não é determinar em qual etapa da vida espiritual a teologia é possível, mas sim estabelecer que, para se desenvolver um trabalho teológico sólido, é indispensável uma busca incessante por conversão e cooperação com a graça divina. Assim, os estudos teológicos, ordenados pela caridade e pela vida interior, auxiliam a santificação do estudioso ao prevenir o subjetivismo e o particularismo, direcionando o conhecimento de Deus e o saber teológico para a salvação das almas (GARRIGOU-LAGRANGE, 2025).

## **A FÉ COMO PRESSUPOSTO DA TEOLOGIA**

Uma vez conhecendo quais são as etapas da vida de conversão, isto é, da vida espiritual e de união mística com Deus, podemos tratar da teologia. Ela — enquanto *fides quaerens intellectum* — não se reduz a um exercício especulativo, mas exprime o dinamismo interior da alma que, iluminada pela graça, busca compreender o mistério que ama, afinal, *ninguém conhece senão aquele que O recebe* (São Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum*, VII,4). O conhecimento de Deus não se dá pela análise, mas pela participação; não pela posse de conceitos, mas pela

conformação do coração ao objeto conhecido, no caso, a Jesus mesmo. Nesse sentido, a santidade não é apenas um fruto da teologia, mas o seu princípio vital: o habitus sobrenatural que permite ao intelecto elevar-se ao plano da fé iluminada pela caridade, como defendeu Garrigou-Lagrange (2025).

O então cardeal Joseph Ratzinger (2008, p. 49) nos diz que, assim como não existe teologia sem fé, não existe teologia sem conversão. Por isso a ligação entre teologia e santidade não é nenhum palavreiro sentimental ou pietista, mas resulta da lógica da coisa e confirma-se ao longo de toda a história. Ele ainda completa que a racionalidade pura e simples não basta ainda para dar origem a uma grande teologia cristã, defendendo que a fé exige conversão e que a conversão é um ato de obediência, concordando com o que diz São Paulo (Rm 1,5). Paulo Ricardo de Azevedo Júnior (2010, p. 9) afirma que a teologia só se torna possível quando ocorre uma mudança de sujeito, a qual chamamos de conversão.

O método teológico, recorda Garrigou-Lagrange (1946, p. 85), deve ser simultaneamente especulativo e prático, porque trata de verdades que só se conhecem plenamente quando se amam. Hans Urs von Balthasar (1989, p. 167) nos diz que na conversão a Cristo, a fé não provém da capacidade humana, mas sim da luz e força da graça de Cristo, que ilumina e fortalece o homem. Dessa forma, a graça divina atua na fé como o Intelecto Agente atua no conhecimento, elevando a alma para atos que superam sua natureza.

## **A VIDA DE SANTIDADE E A TEOLOGIA**

McGinn (1991, p. 56) afirma que a teologia cristã primitiva era mística em seu núcleo, erazada na santidade e transformação interior. Athanasopoulos (2020, p. 95) atesta que a santidade é alcançada pelo combate ascético e que a verdadeira teologia é a visão da luz incriada. Ele afirma ainda que o ascetismo é o fundamento da teologia mística e que sem purificação, nenhum conhecimento de Deus é possível. Famerée (2016) afirma o papel da fé e da vida de santidade como disposições necessárias para um autêntico *sensus fidei* na vida da Igreja, ratificando que fé e vida de santidade andam juntas na percepção geral da doutrina.

Neste sentido, a Congregação Para a Doutrina da Fé, tratando da vocação do Teólogo, diz:

“(...) O teólogo deve discernir em si mesmo a origem e as motivações de sua atitude crítica e permitir que o seu olhar seja purificado pela fé. O empenho teológico exige um esforço espiritual de retidão e de santificação. (...)” (*Donum Veritatis*, 9)

Jean Daniélou (2023, p. 205) atesta que São Gregório de Nissa, na Vida de Moisés, descreve a teologia mística como entrada na nuvem onde Deus está. A escuridão desta nuvem não seria ignorância, mas superabundância de luz, conhecida apenas pela alma purificada na união contemplativa.

## A RELAÇÃO ENTRE CONVERSÃO PESSOAL E FÉ ECLESIAL

Azevedo Júnior (2010, p. 12) afirma que para fazer Teologia é preciso crer na Igreja, de forma que se caso contrário, a reflexão teológica torna-se uma tarefa impossível. Assim, a conversão é necessária como ponto de partida. Sem ser católico, não é possível fazer Teologia. Tomemos o exemplo de Paulo foi uma conversão eclesial: a caminho de Damasco, São Paulo tem uma experiência mística com Jesus, que lhe pergunta: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4). Quem São Paulo perseguia? Os cristãos e não Jesus. No entanto, Jesus aparece e pergunta a ele por que me persegues. Notemos que o núcleo da conversão do Apóstolo foi eclesial: São Paulo não teve uma experiência sozinho com Jesus, na conversão ele experimenta que os cristãos, colocados por ele na prisão, eram o próprio Jesus. Ser cristão é pertencer à Igreja, ao Corpo de Cristo. É compreender que agora é Cristo que vive em cada um de nós e sem esta experiência, sem essa mudança de sujeito, não se pode fazer Teologia. O que significa mudar de sujeito? Significa que morri, é Cristo que vive em mim (Gal 2,20). Significa que me compreendo como algo maior do que eu: o Corpo de Cristo, a Igreja.

Não existe conversão entre mim e Jesus. Numa expressão patrística, *unus Christianis nullus Christianus*, um cristão sozinho não é cristão algum. É necessário entrar dentro do *phronema*<sup>4</sup> da Igreja, da mente do Corpo de Cristo para se fazer

<sup>4</sup> Do grego, φρόνημα. “(...) A Escritura só podia ser compreendida dentro da Igreja, como Orígenes insistiu fortemente, e como Santo Ireneu e Tertuliano já haviam insistido antes dele. O apelo à Tradição era, na verdade, um apelo ao *phronema* da Igreja — à sua mentalidade [espiritual]. Tratava-se de um método para descobrir e confirmar a fé tal como sempre foi

teologia, e isto envolve conversão. Antes de mais nada eu recebo a fé da Igreja, a fé é algo transmitido e recebido de outro. Numa sucessão que vai até os apóstolos e dos apóstolos para Jesus.

Neste sentido, a *Donum Veritatis* (D.V.) prossegue dizendo:

“(...) A reta consciência do teólogo católico supõe, portanto, a fé na Palavra de Deus, cujas riquezas ele deve penetrar, mas também o amor à Igreja, da qual ele recebe a sua missão e o respeito pelo Magistério divinamente assistido. Opor ao magistério da Igreja um magistério supremo de consciência, é admitir o princípio do livre exame, incompatível com a economia da Revelação e da sua transmissão na Igreja, assim como com uma concepção correta da teologia e da função do teólogo. Os enunciados da fé não resultam de uma investigação puramente individual e de um livre exame da Palavra de Deus, mas constituem uma herança eclesial. Se alguém se separa dos Pastores que velam por manter viva a tradição apostólica, é a ligação com Cristo que se encontra irreparavelmente comprometida.(...)” (D.V., 38)

Desta forma, evidencia-se o caráter eclesial da conversão e da teologia.

## **RELAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO DO DOGMA E CONVERSÃO**

Zoltán Alszeghy e Maurizio Flick (1969) expressam com notável clareza que o desenvolvimento do dogma é, em sua essência, um aprofundamento da fé. Essa progressão não é meramente intelectual; ela é intrínseca ao próprio ato da fé. Escreveram os autores:

“(...) Na realidade, o desenvolvimento do dogma nada mais é do que um aprofundamento da fé. A luz da fé não nos incita simplesmente a aceitar a verdade da mensagem, deixando para os

---

mantida, desde o início: *semper creditum*. A permanência da crença cristã era o sinal mais evidente e o selo de sua verdade: nenhuma inovação. (...)” (FLOROVSKY, G. 1972, p. 98)

fiéis, usando suas próprias forças, encontrar uma maneira de penetrar na palavra que receberam; portanto, é artificial separar a fé da evolução do dogma. (...)" (p. 123)

Para Alszeghy e Flick, o ato de fé não se reduz a um assentimento intelectual, mas constitui uma iluminação e elevação da pessoa inteira rumo a uma maior penetração das verdades da salvação. A fé, como graça, desperta um movimento interior de conhecimento amoroso (*scientia amoris*), pelo qual o fiel reconhece, sob a ação do Espírito Santo, a Palavra de Deus “na pregação viva da Igreja”, de modo análogo a como se reconhece um amigo pela presença, e não pela análise dos sinais exteriores.

Nessa perspectiva, o *sensus fidei* desempenha papel fundamental: é o instinto sobrenatural que permite ao crente reconhecer a verdade divina nas formulações doutrinárias em legítimo desenvolvimento, discernindo a Palavra eterna de Deus na palavra humana da Igreja. Assim, a fé viva — fruto da caridade e da santidade, e não a curiosidade especulativa — é o princípio formal da teologia, e o seu progresso histórico se dá como amadurecimento da caridade e iluminação do Espírito.

A dimensão eclesial desse processo é assegurada pela autoridade. Francis A. Sullivan (1993, p. 215) recorda que o Magistério da Igreja está fundado na promessa indefectível de Cristo e na assistência do Espírito da Verdade. A função magisterial não é domínio sobre a fé, mas serviço à sua autenticidade: a Igreja permanece na verdade do Evangelho, não por mérito humano, mas pela fidelidade de Deus que a conduz através do Magistério e do *sensus fidei* do povo. A autoridade docente é, portanto, essencialmente ministerial e obediencial — ela ensina porque primeiro escuta.

Bernard Sesboüé (2004, p. 19) desenvolve essa mesma intuição ao afirmar que o Magistério não é uma *maîtrise* [domínio] da verdade, mas o seu serviço. Sua autoridade deriva da escuta orante e fiel da Palavra, e sua infalibilidade não é um privilégio autônomo, mas participação na indefectibilidade do povo de Deus *in credendo*. Assim, a fidelidade ao Magistério não se opõe à liberdade intelectual do teólogo; pelo contrário, é a garantia de que a busca da verdade permanece dentro da comunhão da fé e sob a docilidade ao Espírito Santo, que é o guia tanto da santidade quanto do dogma.

O teólogo, portanto, deve compreender-se como colaborador e não como crítico externo da autoridade docente. Sullivan (1993, p. 220) recorda que a função dos teólogos é esclarecer e aprofundar a fé da Igreja, nunca substituí-la. A obediência ao Magistério não empobrece a reflexão teológica, mas a purifica de ideologias e a enraíza na Tradição viva, alinhando a inteligência teológica à experiência de santidade de toda a Igreja.

O conhecimento da fé é inseparável do progresso na santidade. Como observa Guy Mansini (2018, p.97), a doutrina da fé só se desenvolve verdadeiramente quando se aprofunda a comunhão com Aquele que é a Verdade. Em sua análise sistemática, Mansini sublinha que o progresso doutrinal é sempre “cristocêntrico e soteriológico”: a Igreja entende melhor o que vive, e vive mais plenamente o que entende, porque o conhecimento de Deus é simultaneamente cognitivo e transformador.

De modo análogo, Michael Seewald (2023, p. 173) observa que o desenvolvimento da doutrina é possível apenas quando há fidelidade ao conteúdo revelado e à tradição viva da Igreja. Para ele, a autêntica evolução dogmática ocorre dentro de uma hermenêutica da continuidade crítica, na qual a busca da verdade é sempre exercida sob o princípio da obediência crente — uma obediência que não sufoca, mas liberta a inteligência para reconhecer na história a ação permanente do Espírito.

Assim, o progresso da teologia não consiste em transcender a fé, mas em aprofundá-la. Como ensina a *Dei Verbum* (n. 8):

“(...) Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cfr. Lc. 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus. (...)”

Essa tríplice dimensão — estudo, experiência espiritual (santidade) e pregação magisterial — resume a harmonia entre a busca da verdade, a santidade pessoal e a

fidelidade eclesial. A vida de santidade é o terreno vital em que a teologia floresce, e o Magistério é o seu guardião. A fidelidade ao Magistério, iluminada pelo *sensus fidei*, assegura que o conhecimento teológico permaneça eclesial e salvífico. Em suma, a teologia sem santidade degenera em ideologia; a santidade sem verdade torna-se sentimentalismo; e a verdade sem Magistério se dispersa. A tríplice fidelidade — à Verdade que é Cristo, à vida que o manifesta, e à Igreja que a ensina — é, portanto, a condição e a meta de toda autêntica teologia católica.

## **A TEOLOGIA SE DIVORCIA DA COMUNHÃO**

Acerca da ruptura que houve da teologia com a vida interior e mística de comunhão com Deus e com a Igreja, Vanderbroucke (1950) discorre extensamente em artigo. Segundo ele, no cristianismo, a distinção entre teologia e vida mística não foi uma característica inicial. Nos séculos XI e XII, a tradição monástica, exemplificada por escritores como Guillaume de Saint-Thierry (†1148), São Bernardo de Claraval (†1153) e os cistercienses, preservava a conexão vibrante entre a meditação teológica e a experiência contemplativa. Durante esse tempo, a teologia não era somente especulativa, mas um conhecimento voltado para a transformação da alma em Deus; o estudo e a oração eram atividades indissociáveis. O surgimento das escolas urbanas e, posteriormente, a consolidação da Escolástica, especialmente no século XIII, marcam o início das mudanças nessa integração. Nesse período, a reflexão teológica adquire uma estrutura disciplinar, racional e universitária, com a presença de figuras como Santo Tomás de Aquino (1225–1274). Mesmo assim, nesse momento, a especulação filosófica ainda se conciliava com a contemplação, e grandes doutores mantinham a consciência de que o conhecimento de Deus é inseparável da santidade.

A ruptura começa a se tornar clara no século XIV, caracterizada pelo surgimento do nominalismo, especialmente em Guilherme de Ockham (1287–1347). Este enfraqueceu a base metafísica da teologia e transferiu o foco do conhecimento religioso para a análise lógica dos termos, reduzindo o espaço para a contemplação intelectual do mistério. Simultaneamente, a mística especulativa do Mestre Eckhart (c. 1260–1328) se desenvolveu, defendendo a união direta da alma com Deus por meio do apofático. No entanto, ao enfatizar de forma radical a interioridade, Eckhart

introduziu uma linguagem que foi difícil de ser incorporada ao sistema teológico universitário, gerando uma divergência de linguagem entre místicos e teólogos. Ao mesmo tempo, a espiritualidade popular tomava outro rumo com o surgimento da *Devotio Moderna* nos séculos XIV e XV, especialmente com Tomás de Kempis (c. 1380–1471) e *A Imitação de Cristo*, que deslocaram o centro da experiência religiosa para a interioridade afetiva, moral e prática, em detrimento da contemplação intelectual.

Esse processo resulta em uma separação duradoura entre teologia e mística no século XV. A teologia acadêmica passou a ser majoritariamente vista como um exercício técnico e argumentativo, ao passo que a vida espiritual começou a ser entendida como uma experiência subjetiva de interioridade, muitas vezes desconectada da reflexão doutrinária. Os teólogos começam a ver a mística como um fenômeno extraordinário e secundário, sem relevância normativa para a compreensão da fé. Em contrapartida, os místicos começam a desconfiar da teologia, considerando-a um conhecimento frio, incapaz de proporcionar uma conexão viva com Deus. Esse distanciamento prejudicou a unidade original entre verdade e santidade, levando a um empobrecimento mútuo: a teologia se desconectou da transformação interior, enquanto a mística se afastou da compreensão eclesial. Para restaurar essa unidade, é necessário reconhecer que a contemplação é um tipo de conhecimento e que a teologia, quando permanece fiel às suas raízes, surge da escuta e da interiorização do mistério que anuncia.

## **RESTAURAÇÃO DA UNIDADE ENTRE TEOLOGIA E SANTIDADE NA VIDA DA IGREJA**

A reflexão oficial recente da Igreja apoia a necessidade de restaurar a conexão entre teologia e vida mística, que foi rompida historicamente entre os séculos XIV e XV. A *Donum Veritatis* (1990) declara que toda pesquisa teológica parte de uma fé viva e requer de quem a conduz uma constante disposição para a conversão. O teólogo não é um espectador externo do mistério divino, mas um membro do Corpo de Cristo que procura entender sua fé. Assim, a pesquisa teológica possui uma dimensão espiritual inerente: seu foco é o homem interior que foi transformado pela graça. A integridade espiritual do teólogo não é apenas uma exigência moral, mas um

fundamento epistemológico, uma vez que somente aqueles que amam a verdade são capazes de reconhecê-la. Dessa forma, o verdadeiro exercício teológico se desenvolve na comunhão da fé, na qual o Espírito Santo ilumina constantemente a inteligência para receber, aprofundar e expressar as crenças da Igreja.

A Comissão Teológica Internacional retoma essa visão em *Teologia Hoje: Perspectivas, Princípios e Critérios* (2011), afirmando que o teólogo opera dentro da Tradição viva, alimentada pela liturgia, vida sacramental e santidade eclesial. Nesse contexto, a teologia só é considerada ciência da fé quando combina uma pesquisa rigorosa com uma prática de oração. Assim, a santidade é o princípio unificador que previne dois desvios opostos: por um lado, o teologismo acadêmico, que transforma o mistério revelado em objeto de análise técnica; por outro, o espiritualismo subjetivista, que se afasta da normatividade doutrinal da Igreja.

Finalmente, o documento *Magistério e Teologia* (1975) da mesma Comissão estabelece a relação de serviço mútuo entre a autoridade de ensino da Igreja e a pesquisa teológica. A teologia não foi criada para competir com o Magistério, mas para apoiá-lo ao proporcionar uma compreensão mais aprofundada da Palavra de Deus. Além disso, o Magistério não restringe a pesquisa teológica, mas a mantém dentro dos limites da verdade do Evangelho. Com base nesses princípios, fica evidente que a superação do divórcio apontado por Vandembroucke não envolve o retorno a modelos pré-modernos nem a redução da teologia à experiência individual. Em vez disso, passa pela restauração da primazia da santidade como requisito para o conhecimento teológico. A vida espiritual não embeleza o trabalho acadêmico; ela o fundamenta. Ao retomar a compreensão de que pensar em Deus implica viver com Deus, o teólogo restabelece a essência original da teologia: uma ciência que emerge da fé viva, destinada à edificação da Igreja e à integração da inteligência humana com a Verdade divina.

## **CONCLUSÕES**

A vida espiritual não embeleza o trabalho acadêmico; ela o fundamenta. Ao retomar a compreensão de que pensar em Deus implica viver com Deus, o teólogo restabelece a essência original da teologia: uma ciência que emerge da fé viva, destinada à edificação da Igreja e à integração da inteligência humana com a Verdade divina. A inteligência iluminada pela caridade consegue identificar o mistério

de Cristo na Palavra, na liturgia e na vida da Igreja, entendendo a teologia como um ato de comunhão, e não como uma atividade isolada de erudição. O vínculo entre conhecimento e amor passa de secundário a essencial na tarefa teológica, uma vez que a verdade divina só pode ser completamente compreendida quando também é vivenciada.

A análise histórica possibilitou a identificação dos efeitos da separação entre teologia e mística, claramente demonstrada por Vandembroucke. A distinção entre reflexão doutrinal e experiência contemplativa não resultou em uma teologia mais rigorosa, mas em uma inteligência da fé debilitada, despojada de seu alicerce vital. A transição da teologia para um âmbito puramente acadêmico diminuiu a vida espiritual à esfera subjetiva, ao passo que o misticismo, desvinculado da doutrina, perdeu a capacidade de discernimento. Esse divórcio levou a um empobrecimento mútuo: a teologia se tornou seca e sem poder transformador; A espiritualidade perdeu a habilidade de proporcionar um entendimento sólido sobre Deus. Os documentos da Igreja e de teólogos que foram analisados indicam que essa ruptura não está alinhada com a Tradição, mas representa um desvio histórico que necessita ser retificado. Assim, a restauração da unidade entre teologia e santidade não é apenas uma proposta devocional, mas uma necessidade intrínseca à estrutura da fé cristã.

A restauração dessa unidade encontra, atualmente, um apoio seguro no Magistério e na reflexão teológica atual. Documentos como *Donum Veritatis* e os pareceres da Comissão Teológica Internacional indicam que a teologia só prospera plenamente quando praticada na comunhão da Igreja, guiada pelo Espírito Santo, apoiada pela oração e pela vida sacramental. A pesquisa teológica não é chamada a substituir a fé, mas a aprofundá-la; não a superar a santidade, mas a brotar dela. A autêntica renovação da teologia não se baseia apenas no aprimoramento metodológico, mas em uma conversão interior contínua, na qual o teólogo se permite ser moldado pela vida de Cristo. Nesse sentido, a teologia retoma sua vocação original: ser um meio de conhecimento que leva à união com Deus, ao serviço para a edificação da Igreja e ao testemunho de que a verdade cristã não é apenas concebida, mas vivenciada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO JÚNIOR, P. R. **Teologia Fundamental I**. In: Coleção Teologia das Fontes. Campinas: Ecclesiae, 2010. Aula 2.

BALTHASAR, H. U. V., **Gloria**, Vol. I. La percepción de la forma. Nuevo Testamento, Ediciones Encuentro, Madrid, 1989.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução Donum Veritatis sobre a vocação eclesial do teólogo**. Cidade do Vaticano: Congregação para a Doutrina da Fé, 1990. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19900524\\_theologian-vocation\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html). Acesso em: 29 set. 2025.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Teologia Hoje: Perspectivas, Princípios e Critérios**. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20111129\\_teologia-oggi\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20111129_teologia-oggi_po.html).

\_\_\_\_\_. **Magistério e Teologia**. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1975. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1975\\_magistero-teologia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1975_magistero-teologia_po.html).

DANIÉLOU, J. **Platonism and Mystical Theology: The Spiritual Doctrine of St Gregory of Nyssa**. Yonkers: St Vladimir's Seminary Press, 2023.

FAMERÉE, J. **Sensus fidei, sensus fidelium: Histoire d'une notion théologique discutée**. Recherches de Science Religieuse, Paris, v. 104, n. 2, p. 167-185, 2016.

FLOROVSKY, G. **Bible, church, tradition: an eastern orthodox view**. Belmont: Nordland Publishing Company, 1972. 175 p. (Collected works of Georges Florovsky, v. 1).

GARRIGOU-LAGRANGE, R. **A relação entre estudo teológico e vida interior**. Tradução: PERMANÊNCIA. Extrato de: De Deo Uno. Paris: Desclée de Brouwer et Cie, p. 30-34. Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/413>. Acesso em: 18 set. 2025.

\_\_\_\_\_. **As três idades da vida interior**. Tomo I. 2. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

\_\_\_\_\_. **La Síntesis Tomista**. Tradução de: Eugenio S. Melo. Buenos Aires: Desclée, De Brouwer, 1946.

MANSINI, G. **Fundamental theology**. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2018.

MCGINN, B. **The foundations of mysticism: origins to the fifth century**. New York: Crossroad, [1991]. (The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism, v. 1).

ATHANASOPOULOS, C. (Ed.). **Orthodox Mysticism and Asceticism: Philosophy and Theology in St Gregory Palamas' Work**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2020.

RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SEEWALD, M. **Theories of doctrinal development in the Catholic Church**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

SESBOÜÉ, B. **O magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SULLIVAN, F. **Il Magistero nella Chiesa Cattolica**. Assisi: Cittadella, 1993.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica: a fé, a esperança, a caridade, a prudência**. Volume 5. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

VANDENBROUCKE, Fr. **Le divorce entre théologie et mystique**. Nouvelle Revue Théologique, v. 72, n. 4, p. 372-389, 1950.